Antônio Alves de Oliveira na Academia Potiguar de Letras

Guarino Alves

Ad Sidera Semper é o emblema da Academia Potiguar de Letras, fundada em Natal a 2 de setembro de 1956. Já existia, porém, a Academia Norte-rio-grandense de Letras de 14 de novembro de 1936 com a insígnia Ad lucem versus. O primeiro lema é da autoria do Cônego Gonzaga Monte, e o derradeiro é de D. Adelino Dantas, Bispo de Caicó.

Geralmente, as agremiações literárias surgem sem casa própria, e foi este o comportamento da Academia Norte-rio-grandense com reuniões iniciais efetuadas no Instituto de Música de Waldemar de Almeida e no Instituito Histórico e Geográfico, até que, por obra e graça do Presidente Manoel Rodrigues de Melo, gestão de 1955 a 1976, conseguiu ter sua sede. Por esses caminhos torcicolantes andaria também a Academia Potiguar, fundada por sugestão de Mons. Alves Landim, Vigário da Matriz de Natal durante longos anos. Esteve reunida pela primeira vez no Ginásio São Luís, de que era Diretor o Cônego Eymard L'Eraistre, à Rua José de Alencar. No dia 2 de setembro foi aclamada uma Diretoria temporária assim constituída:

Presidente, Mons. José Ferreira Alves Landim: Secretário Geral, Dr. Antônio Soares Filho: Secretário de Atas, Luís Patriota; Tesoureiro, Cônego Eymar L'Eraistre Monteiro; Bibliotecário, Prof. Mário Cavalcante; Diretor da Revista Sandoval Wanderley.

Mais tarde os acadêmicos passaram a se reunir no Centro Social da Divina Providência, na Praça Pio X, nº 335, por concessão do Bispo auxiliar D. Eugênio Sales, natural de Mossoró e futuro Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro; e por último, no auditório do Colégio Santo Antônio dos Irmãos Maristas, na Avenida Marechal Deodoro.

Os Estatutos foram publicados no "Diário Oficial" de 7 de outubro de 1956, e o Regimento Interno assinado aos 17 de março de 1958, redigido pelo Dr. Hélio Dantas, pelo jornalista Sandoval Wanderley e pelo Dr. Antônio Soares Filho.

Dos 40 sócios fundadores, 23 tiveram posse no período de 4 de setembro de 1956 a 22 de outubro de 1961:

Dom Marcolino Esmeraldo de Sousa Dantas, em 4 de dezembro de 1956. Cadeira nº 1, e Patrono Dom José Tomás Gomes da Silva; Marcos Falcão, em 10 de janeiro de 1957. Cadeira nº 2, e Patrono Adriel Lopes Cardoso; Boanerges Januário Soares de Araújo, em 11 de abril de 1957. Cadeira nº 3, e Patrono Pedro Soares de Araújo; Mons. José Alves Ferreira Landim, em 25 de abril de 1957. Cadeira nº 4, e Patrono Cônego Pedro Paulino; Jayme dos G. Guimarães, em 14 de junho de 1957. Cadeira nº 5, e Patrono Juvenal Antunes de Oliveira; Antônio Alves de Oliveira, em 23 de julho de 1957. Cadeira nº 6, e Patrono Pedro Celestino da Costa Avelino; José Bezerra Gomes, em 17 de agosto de 1957. Cadeira nº 7, e Patrono João Angione Costa; Mons. Eynard L'Eraistre Monteiro, em 2 de setembro de 1957. Cadeira nº 8, e Patrono Cônego Estevão José Dantas; Luís Patriota, em 25 de novembro de 1957. Cadeira nº 9, e Patrono Jorge Fernandes de Oliveira; Mons. Paulo Herôncio de Melo, em 4 de fevereiro de 1958. Cadeira nº 10, e Patrono Mons. José de Calazans Pinheiro; Sandoval Warderley, em 20 de fevereiro de 1958. Cadeira nº 11, e Patrono Ezequiel Wanderley; Luís Correia Soares de Araújo, em 21 de março de 1958. Cadeira nº 12, e Patrono Heitor Carrilho; Antônio Antídio de Azevedo, em 15 de abril de 1958, e Patrono Vivaldo Pereira de Araújo; Luís Gonzaga de Sousa, em 16 de agosto de 1958. Cadeira nº 14, e Patrono Moisés Soares de Araújo; Ulísses Celestino de Góis, em 28 de agosto de 1958. Cadeira nº 15, e Patrono Mons. Alfredo Pegado Cortez; Josué Tabira da Silva, em 9 de setembro de 1959. Cadeira nº 16, e Patrono Pedro Lopes Cardoso Júnior; Santa de Brito Guerra, em 5 de setembro de 1959. Cadeira nº 17, e Patrono Ana Lima Pimentel; Olegário de Oliveira Júnior, em 3 de setembro de 1949. Cadeira nº 18, e Patrono Angelina Macedo; João Medeiros Filho, em 7 de janeiro de 1960. Cadeira nº 19, e Patrono Hemetério Fernandes de Melo; José Gomes da Costa, em 18 de fevereiro de 1960. Cadeira nº 20, e Patrono Manuel Benício de Melo Filho, Cosme Corsino Lemos em 17 de março de 1960. Cadeira nº 21, e Patrono José Martins de Vasconcelos; Luís Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima, em (?). Cadeira nº 22, e Patrono Alípio Bandeira; Antônio Soares de Araújo Filho, em 22 de outubro de 1961. Cadeira no 23, e Patrono Augusto Leopoldo Raposo da Câmara.

Dos sócios ainda não empossadas a ralação é esta: Abelardo Calafange, Antônio Freire, Djalma Aranha Marinho, Djalma

Maranhão, Hélio Dantas, Israel Nazareno de Sousa, João Alfredo Pegado Cortez, João da Costa Machado, João Vicente da Costa, José Saturnino de Paiva, Querginaldo Cavalcanti, Manuel Avelino, Manuel Varela de Albuquerque, Maria do Céu Pereira Fernandes, Mário Cavalcanti, Dom Nivaldo Monte e Othoniel Menezes de Melo.

A maioria desses acadêmicos, médicos, advogados, jornalistas, sacerdotes e escritores já faleceram, e alguns deles pertenceram também à Academia Norte-rio-grandense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico.

A Academia Potiguar de Letras publicou sua Revista em 1958, 1964 e 1967, conforme o registro inserto no *Dicionário da Imprensa do Rio Grande do Norte*, 1909-1987, de Manoel Rodrigues de Melo, Natal, 1987, pp. 206-207. O primeiro número circulou com 192 páginas, sem indicação da Editora; o segundo, com 170, e o terceiro com 174 páginas, ambos impressos na "Tipografia Santa Terezinha" de João Carlos de Vasconcelos, que mais tarde faria parte do quadro de sócios efetivos do Instituto Histórico e Geográfico.

Em suma, cumpre ressaltar, que dos vinte e três sócios fundadores empossados, os primeiros, em número de oito, o foram no Centro Social da Divina Providência, e os demais no auditório do Colégio Santo Antônio.

De 1968 a 1987, como se depreende do Dicionário de Manoel Rodrigues de Melo, não houve circulação da Revista. Contudo, a sua falta no período de 1968 a 1987 não implicou um declínio de atividade da Academia em termo de reuniões ordinárias ou de outros fins administrativos. Haja vista que a 18 de março de 1976 o jornal Diário de Natal publicou:

Academia Potiguar de Letras
Edital

Na conformidade ao estabelecido no artigo 41, do Regime Interno da Academia, são pelo presente edital, convocados os Senhores Acadêmicos, integrantes dos seus respectivos quadros, para a sessão fúnebre de homenagem aos saudosos Acadêmicos falecidos Antônio Alves de Oliveira, Sandoval Wanderley e Antônio Antídio Azevedo, que se realizará às vinte (20) horas do dia vinte e seis (26) do corrente mês de março, no Instituto Histórico e Geográfico, sede pro-

visória, ao fim de cuja sessão serão declaradas abertas as vagas correspondentes.

Natal, 15 de março de 1976
Claudionoar Telógio de Andrade
Presidente

Como se vê, embora sem sede própria e sem a Revista em circulação a Academia continuou ativa, com renovações no Quadro Social e na Diretoria, conforme é o caso de Dr. Claudienor Telógio de Andrade, eleito Presidente. Entretanto, ignoro os nomes dos substitutos de Antônio Alves de Oliveira, Sandoval Wanderley e Antídio Azevedo.

Exceto Antídio, natural de Jardim do Seridó, nascido a 13 de junho de ano de 1887, filho de Horácio de Azevedo e Marcolina D. de Azevedo, poeta vocacional, autor de **Zelações**, 1954, e de **Pirilamos**, 1963, foram os outros dois acadêmicos Antônio Alves e Sandoval Wanderley jornalistas políticos. Sandoval, nascido na cidade do Açu a 27 de setembro de 1893, filho de Luís Lins Wanderley e Maria Amélia Wanderley, foi também teatrólogo, e faleceu no Hospital das Clínicas, às 11 horas do dia 10 de julho de 1975. Publicou o livro *Minha Vida Política*, referente ao período de 1920 a 1951, trabalho de 123 páginas.

Antônio Alves de Oliveira nasceu na cidade de São Gonçalo do Amarante a 13 de junho de 1885, porém ainda criança passou a morar no Ceará-Mirim com seus pais. Era filho do panificador e comerciante José Olímpio Alves de Oliveira e Umbelina Augusta de Oliveira, primos e açuenses. Antônio Alves faleceu em Natal, à rua Régulo Tinoco, às 18:30h de 4 de julho de 1975, e foi sepultado, dia 5, às 12h, no *Cemitério Santa Águeda* do Ceará-Mirim. O primeiro centenário de nascimento ocorreu em 13 de junho de 1985. Foi casado três vezes: com Alice Furtado Cid de Oliveira, e com sua irmã Flora Furtado Cid de Oliveira, filhas de José Villela Cid, natural de Macaíba, e de Ursulina Liberalina Furtado de Meneses, nascida no engenho de açucar *União* do Ceará-Mirim. Ursulina, filha do Tenente-Coronel José Furtado de Mendonça e Meneses, cearense do Riacho do Sangue, e de Raimunda Esmeralda Furtado, era portanto sobrinha legítima do Cel. Hermenegildo Furtado de Mendonça e Meneses, e consequentemente neta do português Antôno Furtado, fundador do engenho *União* no Ceará-Mirim; e o terceiro ca-

samento, com Alzira Queiroz de Oliveira, filha do fazendeiro Sebastião Marinho de Queiroz e Ana Arruda de Queiroz, do Vale do Camaragibe. Destas núpcias registram-se: oito filhos de ambos os sexos, dos quais faz parte o autor destas linhas (Alice Cid); um, sexo feminino (Flora Cid); e dois, Vanina, e Vanizeti, Eng. Civil (Alzira).

Ao ensejo desta resenha, reproduzirei em seguida o discurso de posse de Antônio Alves de Oliveira na *Academia Potiguar de Letras*. Trata-se de homenagem muito especial de minha parte. O homem desaparece com a morte, porém a lembrança em razão de tudo o que ele realizou continua perene entre os vivos.

O Dr. Boanerges Soares de Araújo, que o recebera na Academia, sessão de 23 de julho de 1957, efetuada no Centro Social da Dinina Providência, pronunciou-se desta maneira.

> *"Mas, senhores, aqui nos encontramos para receber o novo imortal, cheio de fé, soldado das letras, sentinela indormida na trincheira da imprensa, combativo, austero, sem contudo lher faltar a serenidade indispensável ao equilíbrio da opinião no conceito do leitor."*

O discurso de Antônio Alves foi publicado na Revista, cujo exemplar por mim encontrado no seu arquivo traz algumas emendas a lápis:

> *"Floriando Cavalcanti que é, sem favor, uma das mais brilhantes culturas do nosso meio, tanto no ponto de vista jurídico, quanto no literário, ao tomar posse em 1950 da cadeira que tem como patrono Antônio Marinho, na Academia Norte-rio-grandense de Letras, iniciou seu discurso dizendo:*
>
> *Devo a Henrique Castriciano, que, vencendo a minha resistência, conseguiu impor-me a sua vontade, a cadeira que passo a ocupar nesta conspícua Academia."*

Prosseguindo, explicava a razão daquela resistência, assim:

> *..."é que temia, desde logo, o momento em que seria cobrado o discurso acerca da obra ou expressão cultural do*

Patrono de minha cadeira."

Guardadas as devidas proporções devo dizer que senti também o mesmo temor de responsabilidade quendo fui convidado a tomar parte na fundação desta outra *Academia de Letras* ao lembrar-me do dito de Apeles, de nada valendo entretanto a recusa ao generoso convite que me trouxe um dos ilustres componentes, que é o acadêmico Abelardo Calafange.(1)

Todavia, militando na imprensa desde cedo em várias oportunidades, participando de campanhas políticas nesse setor do jornalismo potiguar, capitulei, resultado, daí, o motivo que preponderou em meu espírito, de aceitar o convite que tanto me sensibilizou, escolhendo em conseqüência por uma afinidade espiritual a Cadeira que passo a ocupar e que tem como Patrono o jornalista conterrâneo Pedro Celestino da Costa Avelino.

Nascido em Angicos, deste Estado, há 96 anos, no dia 19 de maio de 1861, 28 anos depois da criação do Município, foi justamente como homem de imprensa que Pedro Avelino projetou-se até nossos dias num exemplo de tenacidade, na agudeza dos conceitos com que sempre debateu problemas relacionados com a vida econômica, social e política, de repercussão em todo o País.

Foram seus pais Vicente da Costa Avelino e d. Ana Bezerra Avelino.

Aos 23 anos de idade, ou seja, em agosto de 1884, Pedro Avelino contraiu núpcias com d. Maria das Neves Avelino, de cujo consórcio houve os seguintes filhos:

Georgino Avelino, atual representante do Rio Grande do Norte no Senado Federal; Camilo e Vicente Avelino, o primeiro residente no Rio, e o segundo já falecido; d. Maria Albertina Leite, esposa do engenheiro Luís Wandvogel, autor de *Homens que fizeram o Brasil*, publicado em 1953, já em 3ª edição.

Ligado à família *Alves de Sousa*, de Angicos, da qual se destacavam o Capitão José da Penha, José Alves e José Anselmo, falecidos, e o Dr. José Felix Alves de Sousa, poeta e jornalista carioca, Pedro Avelino revelou desde cedo natural pendor para as lutas da imprensa, marco de sua carreira literária, ingressando na vida pública ao tempo em que o regime republicano vinha de ser inau-

gurado no Brasil, e cuja consolidação no Rio Grande do Norte havia sido confiada com muito acerto ao tino político do notável brasileiro Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.

Em 1879, contando 18 anos de idade, órfão de pai, com o encargo da família, passou a residir no Recife, exercendo, ali, sua atividade no comércio até 1884.

Regressando ao Estado no ano seguinte, recomeçou com maior decisão sua vida literária, sugestionado pela propaganda republicana, da qual lhe não era estranho o modo por que Campos Sales, dentre outros, doutrinando a respeito do advento da República sob o título: *A República e a Monarquia*, havia escrito no *Almanaque Literário* de S. Paulo estes conceitos empolgantes:

> *"Na República, a liberdade, – fonte perene de progresso social, – tem a sua melhor garantia na própria índole das instituições", ao passo que, "na Monarquia a direção suprema do Estado é simplesmente, um patrimônio de família."*

Em prosseguimento diz Campos Sales:

> *..."a eletividade, – "princípio substancial e base característica da forma republicana, abrindo margem a todas as aspirações legítimas, porque torna o mais alto posto da nação acessível a todos os cidadãos, é um incentivo para obrigar os homens públicos a aproximarem-se do povo e a identificaram-se como os destinos da Pátria."*

Proclamada a República em 1889, a cuja propaganda dera também o seu contributo como jornalista, comentando os fatos políticos da época pela imprensa, Pedro Avelino tomou a deliberação de fundar em 1892 o seu primeiro jornal, o seminário *O Caixeiro* de propaganda republicana, traçando no editorial sua linha de conduta:

> *"O Caixeiro não é órgão de caixeiros, nem mesmo do comércio: aspira a mais dilatados horizontes na arena jornalística."*[2]

Por sua vez, *A República*, diário oficial do novo regime no Estado, noticiando o aparecimento frisava: "É sério sem tristeza; altivo sem violência."

Em face disso não se podia tomar em sentido pejorativo o título do jornal, com que o jornalista combativo, vindo do interior, passava a exercer sua atividade na imprensa natalense.

* * *

No decorrer do tempo em que permaneceu em Natal, dirigindo com a colaboração de Augusto Severo[3] o seminário em apreço, passou a escrever para as colunas d'*A República* em 1898, a tribuna diária na qual se fazia a defesa dos ideais do regime.

Foi nessa fase que Pedro Avelino dedicou-se com maior afinco ao serviço da grande causa nacional, grangeando a estima e a confiança de Pedro Velho e de quantos combatiam dentro da linha traçada pelo Chefe, que era o programa do *Partido Republicano*, com a finalidade precípua de esclarecer à opinião pública sobre as vantagens que a nova forma de governo trazia à Nação[4].

Inteligência vivaz, vendo por um prisma que lhe era próprio da maneira de praticar o jornalismo, demonstrando na clareza dos conceitos e na firmeza das convicções a primazia do regime democrático, com o aprumo e a energia de um argumentador sereno, em que a lógica dos fatos comentados tinha a força de convencer, não tardou descobrisse Pedro Velho naquele dos seus mais novos colaboradores um elemento capaz de ajudá-lo eficientemente na tarefa de consolidar o sistema republicano nesta Unidade Federada.

De modo que, dada a aproximação já existente, entre o jornalista e o Chefe da política situacionista, tornara-se Pedro Avelino uma das mais conceituadas figuras do *Partido Republicano*, pela maneira de interpretar os postulados da "democracia que orienta pelo espiríto de solidariedade humana, nas suas relações de cooperação e respeito mútuo," no sentido de melhor servir aos legítimos interesses e aspirações do povo.

E essa confiança do jornalista chegado do interior para trabalhar na imprensa diária era de tal modo, que o Dr. Pedro Velho só encontraria um meio de demonstrar-lhe sua estima pessoal convidando-o para ser padrinho de um dos seus filhos.

Pedro Avelino se havia imposto no conceito daquele eminente chefe pela sua maneira de atuar e conduzir-se dando o máximo de energias e o melhor de sua inteligência em prol da consolidação de

República, confiada ao gênio político de Pedro Velho nesse setor norte-rio-grandense.

Conhecido, então, como um dos jornalistas mais completos, admirável na dialética com que analisava os fatos, sobretudo porque não havendo frequentado curso universitário (o cultivo do espírito apenas se resumiu nos rudimentos adquiridos em escola primária, na época mais necessária de sua formação intelectual) Pedro Avelino foi, por isso mesmo, a revelação de uma inteligência prodigiosa, de um espírito arguto, esclarecido e equilibrado e que, facilmente apreendia os motivos a serem analisados e combatidos.

Afeiçoado com que mais o fosse à prática do sistema democrático não foram poucos os serviços prestados na imprensa diária, com didicação de discípulo andando paralelo na maneira de se conduzir o Mestre nos embates mais renhidos da política, sempre procurando ser exato e discreto na moralidade e pureza de seus arroubos quando tinha de combater o adversário em defesa dos princípios que esposara.

E tinha de ser assim, pela razão da própria formação moral, em que "o caráter se manifesta nas grandes ocasiões e se forma nas pequenas, no próprio recesso do lar."

Então compreendia que a verdadeira democracia como regime de melhor servir, correspondendo, ao interesse público, era a *divergência* de opiniões, prevalecendo no final a decisão da maioria mais consentânea com a vontade do povo e o bem coletivo.

* * *

Sucedeu, porém, que discordando mais tarde da orientação política e administrativa do governo, teve de deixar *A República*, em 4 de setembro de 1901, em cujas colunas tivera atuação destacada desde 1898, quando integrava a redação do órgão oficial, juntamente com Alberto Maranhão, Eloy de Sousa e Manuel Dantas.

Afastado dos novos rumos tomados pela política partidária dominante, por uma questão de princípio que procurou justificar, passou a dirigir a *Gazeta do Comércio*, diário político e independente, mais uma trincheira para o combate livre das idéias em proveito do Regime, na defesa portanto das instituições democráticas vigentes.[5]

Assim procedendo, ao enveredar pela senda do jornalismo político, passava ele com Milton, considerando na Inglaterra o campeão de liberdade de imprensa, consoante o qual "a liberdade de saber, escrever e discutir, segundo a própria consciência, é a mais alta forma de liberdade."

Como se vê, "a liberdade justa, equilibrada pelo bom senso, sem ofensa à dignidade alheia, sem transgredir os preceitos da boa ética, nem os direitos de terceiros, quando amparados em lei."

Liberdade, insista-se, ja definida por Ruy Barbosa nesta luminosa invocação:

> *"Tu não és escada para o poder, és, nas sociedades adiantadas, o elemento sagrado, que o limita. Não te chamas dominação: - chamas-te igualdade, tolerância, justiça. Não te entregas em monopólio a um predestinado, a uma religião, a uma parcialidade, a um sistema: existes, uniformemente, para todos, eliminadora do mal, fonte igual de luz, calor e prosperidade para o bem."*

Essa, em princípio, a escola sonhada e seguida pelo grande jornalista potiguar, dada a convicção que tinha arraigada, de que, efetivamente, "o papel do intelectual, sobretudo dos escritores e jornalistas, é mais do que nunca vigilância extrema, isto é, de defender, intransigentemente, os direitos do espírito, de debater os assuntos com honestidade e boa fé.

Assim pensava Pedro Avelino. E desse modo agia, no desempenho da nobre missão de jornalista combativo, seguindo os impulsos de seu temperamento, embora contrariando àqueles que discordavam desse tirocínio sadio e construtivo.

Atitude de independência identificada com o modo de pensar no notável brasileiro Barão de Mauá ao escrever em março de 78 ao Conselheiro Silveira Martins, dizendo-lhe o que entendia sobre a liberdade de pensamento:

> *"Nem sempre me acho de acordo com os partidos políticos, embora sempre de acordo com a idéia liberal ou o princípio da liberdade aplicado a todos os ramos da atividade humana, sendo meu propósito servir ao nosso País, em qualquer posição em que me haja colocado."*

O problema perene da sociedade consiste em livrar-se da dominação de qualquer classe e de proporcionar o maior grau de liberdade a cada indivíduo, a fim de que, dentro da lei, possa realizar seu próprio destino.

Sendo essa a luta do homem livre, teve Pedro Avelino concepção, batendo-se pela prática do regime democrático a seu modo, com a liberdade de ação de quem agia impelido pela força cívica de uma inspiração qeu se tornara hábito disciplinado de todos os dias.

Daí, o compreender que "uma democracia se avalia pela média de liberdade de seus mais humildes cidadãos, de modo que esta não seja uma questão de cor, mas um sistema de vida para o qual todos os homens sejam iguais."

Espírito superior, preocupava-se em expandir-se nas lutas do pensamento, sem a subalternidade que caracteriza os incapazes de reação, que amesquinham e diminuem a própria liberdade.

* * *

Cônscio das responsabilidades que lhe pareciam bem maiores na direção de um jornal político em que pudesse imprimir orientação consentânea com a linha de independência – traço característico de sua personalidade – compreendeu que o melhor serviço que podia prestar ao Rio Grande do Norte era dizer as coisas com a autoridade de quem queria agir livremente, isto é, com o direito de opinar a seu modo.

Então passou a dirigir a *Gazeta do Comércio*, visando tão somente ao bem-estar de sua terra e de sua gente, encontrando, embora, como previra, vozes discordantes, que não queriam compreender fosse aquela norma de conduzir-se o melhor caminho para atingir os fins a que se propusera.

Verificou-se, tempo depois, o lamentável acontecimento que foi a destruição de suas oficinas como se isso, por ser comum à época, constituisse meio idôneo de combater com êxito o adversário, privando-o dos meios materiais de defesa e levar a bom termo a liberdade de pensamento por meio da palavra escrita.[6]

Isso ocorreu em 1905, por ocasião de estiagem que tanto flagelou o Nordeste, bastando lembrar que pelo porto desta Capital tiveram de emigrar cerca de 23 mil flagelados, uns com destino

ao Sul, e outros em demanda do extremo norte.[7]

Tal cousa deu lugar a que Pedro Avelino sentindo a natural revolta pelo êxodo, atribuindo-o, a sua maneira, ao governo do Estado a responsabilidade pelo desamparo das vítimas, acentuasse a campanha do jornal contra o mesmo e, portanto, contra a linha política da situação, de que se havia afastado.

Em face disso, tomara Pedro Avelino a decisão de fundar outro jornal, realizando-o, afinal, com o Prof. Pedro Alexandrino, e chamava-se O Trabalhador.

Sucedeu, porém, que o ambiente político reinante não aconselhava sua permanência em Natal. Como protesto, resolveu abandonar o Estado e seguiu para a Capital Federal , demorando, porém, antes, no Recife, onde recomeçou a atividade jornalística pelas colunas d'O Pernambuco, e mais tarde, n'A Pátria, por ele fundada naquela capital.

No Rio, para onde seguira a convite de pessoas amigas, entrou para a imprensa, redatoriando com Alfredo Varela O Comércio do Brasil, e em seguida fundou *O Correio do Brasil.*

Sua vida de jornalista combativo desdobrou-se, ainda ali, mais eficiente, como colaborador dos diários O País, A Imprensa, A Época, O Correio do Norte, A Tarde e A Razão.

* * *

Quando da "Campanha da Salvação", em 1911, chefiada pelo Capitão J. da Penha, retornou ao Estado, tomando parte no movimento político pela imprensa oposicionista representada pelo *Diário do Natal*, fundando por Elias Souto e dirigido pelo Dr. Augusto Leopoldo, o intransigente batalhador pela causa de sua terra.[9]

Fracassado o movimento político contra o situacionismo, sendo governador o Dr. Alberto Maranhão, e candidato à sucessão o Senador Ferreira Chaves, voltou para o Rio, depois de haver prestado com o destemor de seu civismo valiosos serviços.

Após haver tomado posição saliente na propaganda da candidatura Hermes da Fonseca, lançada na Convenção de maio de 1910 à Presidência da República, Pedro Avelino foi nomeado em 1912 por interferência de amigos, para o cargo de Prefeito do Acre, de

onde teve de regressar para o Rio por desajuste da saúde naquele longínquo Território.

Além de sua intensa atividade na imprensa brasileira havia ocupado o cargo de Administrador dos Correios em nosso Estado, em 1897, cuja passagem ficou assinalada pela maneira honesta com que se mantera no desempenho das elevadas funções.

Em 1902, ainda por motivo de saúde viajou à Europa, permanecendo algum tempo em Paris. Por fim, foi nomeado Tesoureiro da Estrada de Ferro Central do Brasil, em cujo cargo permaneceu até a data de seu falecimento.

Saudoso da terra natal, já cansado das lutas constantes, veio ao Estado em 1920 pela última vez, para rever amigos e parentes, procurando ao mesmo tempo restaurar a saúde no clima de Angicos, de onde retornou ao Rio, logo que se sentiu melhorado, vindo, por fim, a falecer, ali, três anos depois, a 20 de julho de 1923.

Abrindo uma parêntesis, quero referir-me ao Município de Angicos. Situado a 154 quilômetros da Capital, foi criado pela Resolução do Conselho do Governo de 11 de abril de 1833 com território desmembrado do Município do Açu.

Consoante a Divisão Administrativa em 1911, Angicos formava-se de um só distrito, situação essa que permaneceu até 1933, tendo sido elevado à categoria de cidade nos termos da Lei Estadual nº 20, de 23 de outubro de 1936.

Por força do Decreto-Lei nº 603, de 31 de outubro de 1938 o Município passou a constituir-se não só do distrito sede, mas ainda, dos de Afonso Bezerra, Epitácio Pessoa e Fernando Pedrosa, criados estes dos antigos povoados de Carapebas, Gaspar Lopes e São Romão por desmembramento do primeiro.

Isso prolongou-se após a nova Divisão Territorial de 30 de dezembro de 1943.

À vista da nova Divisão de 1938 sucedeu que a Assembléia Legislativa Estadual tendo em apreço a atuação do jornalista conterrâneo que tanto realce havia dado às letras de sua terra tratou de prestar à sua memória significativa homenagem, elevando em 1948 o distrito judiciário de Epitácio Pessoa à categoria de Município com a denominação de *Pedro Avelino*.

Homenagem, essa, consagradora do valor intelectual daquele saudoso potiguar, a quem esta Academia de Letras, que é a Casa de Monsenhor Alves Landim, numa Feliz inspiração de seu denodado Presidente, houve por bem incluir, como Patrono na galeria de imortais.

Aluísio Alves referindo-se no livro Angicos publicado em 1940, sobre a personalidade de Pedro Avelino como jornalista, político e homem de letras que se fez por seu próprio esforço assim se expressa:

> *"Com ele findou-se uma das maiores vocações literárias no Estado. Malgrado se apontem defeitos políticos, o seu nome deve constituir uma glória para a nossa terra, porque, além de tudo, relembra um homem que, pelo seu próprio esforço, conseguiu vencer nos torneios da inteligência, resumindo num estilo brilhante, de mestre, as aspirações, os gritos, as paixões de nossa gente, fazendo-se queridas pelos que sabiam ver, através de tudo, a clareza de uma inteligência maravilhosa e a dutilidade de uma pena inesquecível."*

As palavras acima são incontestavelmente as mais categorizadas para o elegio de quem, como Pedro Avelino, durante quase meio século de lutas na imprensa brasileira, tanto contribuiu para elevar o nível intelectual de sua terra, dando exemplo significante, sobretudo para os moços, da alta compreensão que tinha do sistema democrático, ao fazer da imprensa livre o veículo de suas idéias, o instrumento de combate ao erro e à intolerância, dentro do regime da ordem, para a moralidade dos costumes e o engrandecimento da Pátria.

* * *

Quando do primeiro centenário de nascimento de Antônio Alves de Oliveira em 13 de junho de 1985 resolvi escrever as **Memórias Históricas do Ceará-Mirim**, livro, hoje, já na segunda parte, precisamente a do período da imprensa política cearamirienense, com início em 1900, em que se enquadram três jornais de Antônio Alves, notadamente o *Correio da Semana* orientado pelo Partido Republicano, trampolim para o diário *A Opinião* em Natal, por ele dirigido, ao lado do Dr. Alberto Maranhão. Dessa segunda fase de sua atividade na capital natalense tratou o Dr. Jayme dos G.

Wanderley no seu discurso fúnebre de 26 de março de 1976, pronunciado no Instituto Histórico e Geográfico, dizendo, entre outras coisas, o seguinte:

> "*Antônio Alves de Oliveira viveu a vida como lhe aprazia, amando com ternura e desvelo a família, cercando de atenções e carinho seus correligionários, e estirando, fidalgamente a mão aos seus amigos, para o aperto leal e afetivo da amizade.*
>
> *Deixando a tarefa burocrática, os cansativos encargos nas repartições a que servia, o saudoso imortal, enclausurado no sossego do lar extremecido não capitulou. Prosseguiu, ainda, com entusiasmo e denodo, traduzindo em artigos, sueltos e notas separadas, todo o seu sentimento de homem de luta, cidadão probo, honesto e bom.*
>
> *Se alguma herança ele deixou a sua ilustre família, na sua pobreza resignada, foram a inteligência , a coragem e a pena, que jamais se molhou sinão para exaltar o bem e fazer justiça aos que necessitavam de sua palavra amiga, de sua defesa pronta e sempre lealdosa.*
>
> *Foi assim que viveu e morreu Antônio Alves de Oliveira.*"

Jayme dos G. Wanderley nasceu em Natal a 16 de junho de 1900, filho do Dr. Celestino Carlos Wanderley e Ana dos Guimarães Wanderley. Em 1930 foi Redator Chefe d'*A República*, e em 1932, Chefe de Gabinete do Interventor Federal Com. Bertino Dutra; Prof. da Faculdade de Farmácia e Odontologia; funcionário da Prefeitural Municipal em 1935; Chefe de Gabinete do Prefeito Sílvio Pedrosa; Secretário d'*A República* no governo do Dr. José Varela, e Redator da Imprensa Oficial junto à Assembléia Legislativa; funcionário comissionado do IAPASE. Publicou mais de uma vintena de livros nos gêneros poesia e teatro. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico, da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Clube de Poesia, da Academia de Trovas e da União Brasileiras de Trovadores. Faleceu em Natal a 24 de fevereiro de 1986.[10]

Segundo o parecer de alguns escritores, foi no diário *A Opinião*, orientado pelo Ministro Dr. Augusto Tavares de Lyra contra o governo do Des. Joaquim Ferreira Chaves (1919-1923) que Antônio Alves mais se destacou. Luís da Câmara Cascudo referindo a

imprensa política do Rio Grande do Norte menciona *A Opinião* dizendo: Sagra-se jornalista de combate, inesgotável e fiel, Antônio Alves de Oliveira, redator-chefe.[11]

Diria, por sua vez, João Carlos de Vasconcelos, do Instituto Histórico e Geográfico:

> *"Quando se escrever a história-jornalística da Terra dos Canaviais o nome de* Antônio Alves *figurará em primeira plana, ao lado dos maiores vultos de nossa imprensa de oposição: Elias Souto, J. da Penha, Pedro Avelino, Sandoval Wanderley, oriundos de outras plagas potiguares, mas identificados pelo mesmo espírito congênito de combatividade, usando a arma contundente da palavra."*[12]

Cronografia de Antônio Alves de Oliveira

1904 – Funda no Ceará-Mirim o *Grêmio Literário União Popular*, na qualidade de Presidente.

1905 – Secretário da Intendência Municipal do Ceará-Mirim. A 23 de abril põe em circulação o periódico literário e noticioso *A União*, impresso na "Tipografia Vasconcelos."

1906 – Funda a oficina *E. Libro Tipográphica União Popular*, que passa a compor e imprimir *A União* aos domingos.

1910 – A 10 de maio deixa de circular *A União*.

1911 – Advogado criminalista por Provisão do Tribunal de Justiça do Estado, com atividades em Ceará-Mirim, Taipu e Touros. Põe em circulação a 24 de outubro o Periódico *O Ceará-Mirim*, de sua propriedade, sendo Diretor o Juiz de Direito Dr. Vicente de Lemos Filho, encarregando-se da Redação Antônio Alves e o Advogado provisionado Dr. Honor de Sousa Lemos. Circulação aos domingos.

1913 – Exonera-se da Intendência Municipal e passa a fazer oposição ao novo Intendente através d'O *Ceará-Mirim*.

1915 – A 7 de setembro encerra-se a circulação d'*O Ceará-Mirim*, cuja diretoria já vinha ocupada por Antônio Alves.

1916 – Põe em circulação a 24 de outubro o semanário *Correio da Semana*, de combate aos situacionistas *A La-*

voura, fundada em 7 de junho de 1913 pelo comerciante Pedro de Vasconcelos, e *A Razão* de 13 de maio de 1917 fundada pelo Major Pedro de Oliveira Correia. Lança *O Correio da Semana* a candidatura do Ministro Augusto Tavares de Lyra à governança do Estado.

1919 – Encerra-se a circulação do *Correio da Semana* em 19 de fevereiro, por ter sido Antônio Alves convidado para dirigir em Natal o diário *O Republicano*. Circulou o jornal mas com o título de *A Opinião* em 21 de abril, o qual por contrato passou a ser propriedade de Antônio Alves.

1923 – Em junho deixa de circular *A Opinião*.

1924 – Abre na Avenida Tavares de Lyra, em Natal, o *Bar Antártica*, de sua propriedade.

1926 – Vende o *Bar Antártica* ao cearamirinense Anaximandro de Sousa, que lhe muda o nome para *Cova da Onça*.

1927 – Viaja ao Rio de Janeiro, sendo nomeado para o quadro de funcionários do 2° Distrito da Inspectoria de Obras Contra as Secas, na capital paraibana, e no mesmo ano assume a direção do Almoxarifado.

1930 – Exonera-se, a pedido, do IFOCS, em 31 de dezembro.

1931 – Assume o cargo de Secretário e Diretor do Expediente da Prefeitura de Natal em janeiro. Passa a colaborar no Diário *A República*, e no mesmo mês foi indicado para Secretário do Recrutamento Militar, sem prejuízo de seu cargo na Prefeitura.

1932 – Na Interventoria Federal do Com. Bertino Dutra é designado para compor a *Comissão de Sindicância* do governo revolucionário, em agosto a da *Comissão de Publicidade e Divulgação* do governo.

1934 – Funda e põe em circulação o diário político *O Debate* em 5 de julho, a favor da candidatura do Interventor Federal, Dr. Mário Leopoldo Pereira da Câmara à governança do Estado. Jornal vespertino, composto e impresso nas oficinas d'*A República*, combate *A Razão*, oposicionista,

da qual era Redator-Chefe o ex-Senador Eloy Castriciano de Sousa.

1935 – Candidato à Assembléia Constituinte do Estado pelo Partido Social, eleições de 14 de outubro, fica na segunda Suplência. Deixa de circular em 31 de agosto *O Debate*, nº 325, Ano II.

1947 – Defende na imprensa a candidatura do Des. Floriano Cavalcanti à governança do Estado, apoiada pelas *Oposições Coligadas* – União Democrática Nacional e Partido Social Progressista – mas perdida nas eleições de 19 de janeiro para o candidato Dr. José Augusto Varela, do Partido Social Democrático.

1951 – Campanha a favor da candidatura do Dr. Dix-Sept Rosado Maia, do Partido Social Democrático, ao governo do Estado, eleições de 3 de outubro, vitoriosa sobre o candidato Dr. Manuel Varela de Albuquerque, da União Democrática Nacional.

1952 – Diretor Geral do Departamento Estadual de Estatística, por ato do Governador Sílvio Pisa Pedrosa datado de 7 de fevereiro.

1955 – Em dezembro exonera-se, a pedido, do cargo de Diretor Geral da Estatística. Aposenta-se compulsoriamente da Prefeitura Municipal com as regalias de Secretário e Diretor do Expediente. Faz campanha a favor do cearamirinense Dr. Jocelyn Villar de Mello, do Partido Democrático, ao governo do Estado, mas vencido nas eleiçoes pela candidato Dinarte Mariz, da União Democrática Nacional.[13]

1957 – Afastado da política desde 1956, toma posse a 23 de julho na Academia Potiguar de Letras.

1975 – Falece em Natal, a 4 de julho, sendo sepultado em Ceará-Mirim no dia subsequente.

Referências sobre Antônio Alves de Oliveira

Alves, Guarino – *Claras Figuras do Passado*. Rev. do Instituto do Ceará, tomo XCIV. Fortaleza, 1980.

BARBOSA, Edgar – *História de uma Campanha*. Natal, 1936.

CÂMARA CASCUDO, Luís da – *História do Rio Grande do Norte*, Rio, 1955; e *História da Cidade do Natal*, Rio, 1980.

FURTADO, João Maria – *Vertentes* (Mémorias). Rio, 1976.

FERNANDES, Luís – *A Imprensa periódica no Rio Grande do Norte*, Natal, 1910.

LEMOS, Cosme – *Sandoval Wanderley, teatrólogo, jornalista e orador*. Rev. da Academia Potiguar de Letras, 1958.

LIMA, Nestor – *Municípios do Rio Grande do Norte*, Natal, 1937.

MELO, Manoel Rodrigues de – *Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte*, (1909 – 1987). Natal, 1987.

NONATO, Raimundo – *Somando os dias do Tempo*. Rio, 1973.

SENA, Júlio Gomes de – *Ceará-Mirim, Exemplo Nacional*. Vol II, Natal, 1975.

SOARES, Boanerges – *Saudação Acadêmica*. Rev. da Academia Potiguar de Letras, 1958.

SILVA, Josué – *Pedro Lopes Júnior*. Rev. da Academia Potiguar de Letras, 1967.

SOUZA, Itamar de – *A República Velha no Rio Grande do Norte* (1889 – 1930). Natal, 1989.

VASCONCELOS, João Carlos de – *Trica & Fruticas*, 2ª Ed., Natal, 1972.

WANDERLEY, Sandoval – *Minha Luta Política*. (1920–1951). Natal, 1954.

WANDERLEY, Jayme dos G. – *Um enamorado das artes*. Rev. da Academia Potiguar de Letras, 1962.

ANOTAÇÕES DE GUARINO ALVES DE OLIVEIRA

(1) Abelardo Calafange, médico pediatra. Nasceu em Canguaretama a 27 de junho de 1904, filho de Cromácio Calafange e Maria Marques Calafange. Faleceu em Natal, às 12h de 4 de abril de 1974 no "Hospital Luís Soares". Deputado Estadual nas Constituintes de 1934 e 1947; suplente de

deputado federal em 1951, chegando a assumir a cadeira. Dirigiu o *Jornal de Natal*, e no governo Alúsio Alves foi Secrário da Saúde, Secretário da Segurança Pública e Diretor do Instituto da Previdência do Estado. Publicou várias monografias de tema médico. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico.

(2) *O Caixeiro* era impresso na Oficina d'*A República* (1892-1894).

(3) Augusto Severo, irmão dos Drs. Pedro Velho e Alberto Maranhão. Deputado Federal, professor de Matemática, inventor do balão dirigível PAX, com vitoriosa navegação nos céus de Paris em 12 de maio de 1902.

(4) Dr. Pedro Velho d'Albuquerque Maranhão fundou o Partido Republicano em 21 de novembro de 1889 e a 1° de julho o jornal *A República*.

(5) *A Gazeta do Comércio* (1901-1902) tinha como redatores Pedro Alexandrino e Severino Silvo, e gerente Augusto Leite.

(6). O empastelamento da *Gazeta do Comércio* foi na noite de 19 de fevereiro de 1905, juntamente com o do *Diário de Natal* de Elias Souto.

(7) Era Governador do Estado o Dr. Albuquerque Maranhão.

(8) *O Trabalho* (1905-1907).

(9) *Diário do Natal* (1895-1908). Redator-Chefe Elias Souto.

(10) Carta do Dr. Jayme dos G. Wanderley, Natal, 12 de outubro de 1977, dirigida a Guarino Alves de Oliveira, da qual de transcreve este tópico:

"Com referência ao meu discurso sobre o nosso saudoso Antônio Alves, não o fiz como desejava, mais amplo, descrevendo a personalidade do sempre lembrado Mestre do jornalismo, porque a Academia Potiguar de Letras *obrigou-me a fazer o necrológico de Sandoval Wanderley, Antônio Alves e Antídio de Azevedo, de uma vez.*

Por isso estou lhe remetendo, apenas, o que escrevi, em sumário,

sobre a vida e o trabalho desse inesquecível imortal. São coisas do seu conhecimento, quase não aproveitadas, mas, de qualquer forma é uma maneira de provar que o bravo e culto jornalista não foi esquecido.

Com um forte abraço cordial, o velho amigo e Admirador.

Jayme dos G. Wanderley."

(11) Luís da Câmara Cascudo, *História da Cidade do Natal*, Rio, 1980.

(12) João Carlos de Vasconcelos, *O Instituto Histórico e Geográfico*. Artigo no período *A Diocesia*, nº 14, Ano XI, Natal, 1976.

(13) Campanha política do período de 1947 a 1956 nos jornais: *O Jornal, Jornal de Natal e Jornal do Comércio*, dirigidos respectivamente por Sandoval Wanderley, Abelardo Calafange e Manoel Avelino, cujos artigos assinados eram impressos na primeira página e sob o título geral de *Na Ordem do Dia*. Os sueltos e as Notas não traziam assinatura, porém, às vezes, tinham pseudônimos.